



uma visão de fé da realidade

prot. n. 00330/06

carta circular 26

(sexta e última parte de uma série)

“Com o desejo de imitá-lo, mui nobre rainha, olhe, considere, contemplo o seu esposo”
(2In 20)

“O caminho dos primeiros capuchinhos rumo à periferia foi também o caminho ...para se ter uma visão mais ampla da realidade, contemplada a partir de Deus e dos pobres”. (VII CPO 31)

*A todas as irmãs
e a todos os irmãos
da Ordem*

Caras irmãs e caros irmãos,

1.1 Nosso Deus, Uno, Trino e Relacional, que se inclina para abraçar a nós e a toda a criação com humilde amor que doa a si mesmo é o fundamento da nossa pobreza e minoridade. Seguindo Francisco, nós somos conduzidos a contemplar Cristo que se esvazia de si mesmo e se manifesta a nós nos pobres. (cf. VII CPO 2, 3). Seguindo Francisco, somos levados a nos colocar em contato com aqueles que a Igreja não consegue atingir. O caminho rumo à periferia é algo a mais do que uma transformação sociológica. O esforço para atingir aqueles que a Igreja não consegue atingir é algo mais que um novo plano pastoral. O pobre e o estranho esperam e exigem de nós uma **nova visão de fé**.

1.2 O primeiro capítulo de Marcos destaca o “lugar deserto” na missão de Jesus. O lugar deserto é símbolo da identificação de Jesus com os excluídos e do seu serviço a eles: “*Um leproso chegou perto de Jesus e de joelhos pediu: ‘se queres tens o poder de curar-me’*” (Mc 1, 40). Por que Marcos ressalta o ato de ajoelhar-se? Certamente era um gesto de súplica. O texto afirma que o leproso “suplicava-lhe”. Todavia, o leproso ajoelhou-se também para assegurar-se de que a sua sombra não contaminasse Jesus. Este gesto constituía o extremo e cruel sinal da sua total exclusão da sociedade: “*O homem atingido por este mal andar*”

com as vestes rasgadas, os cabelos em desordem e a barba coberta, gritando: ‘Impuro!’ Durante todo o tempo em que estiver leproso será impuro; e, sendo impuro, deve ficar isolado e morar fora do acampamento” (Lv 13, 45-46). Marcos percebe a compaixão de Jesus neste encontro: “*Jesus, cheio de compaixão, estendeu a mão, tocou nele e disse: ‘Eu quero: fica curado!’*” (Mc 1, 41). Para tornar puro o leproso, Jesus incorreu na impureza ritual. Para levar o leproso “dentro do acampamento” reintegrando-o na sociedade e na sua família, Jesus “saiu do acampamento”: “*...Jesus não podia mais entrar publicamente numa cidade: ficava fora, em lugares desertos*” (Mc 1, 45).

A periferia, “fora do acampamento”, despontou no VII CPO como um sinal da nossa identificação com os pobres e como constante desafio ao nosso serviço: “o encontro com aquele homem (o leproso), abandonado e excluído da sociedade e do sistema do seu tempo, fez com que Francisco saísse do ‘século’ e mudasse a sua condição social e a sua residência, emigrando do centro à periferia de Rivortorto e de Santa Maria dos Anjos” (prop. 3). E a mesma proposição interpela a Ordem “a realizar progressivamente... um deslocamento ‘significativo’ rumo à periferia da nossa sociedade atual, onde desejamos armar as nossas tendas entre os menores de hoje, como fizeram Jesus, São Francisco e os primeiros capuchinhos no seu tempo” (VII CPO, 3). Isto constitui um componente essencial da nossa minoridade.

1.3 O primeiro capítulo de Marcos atribui importância ainda a outros aspectos dos lugares desertos. Jesus foi ao deserto para

Desafios da Evangelização

ser batizado por João Batista e para receber a sua missão do Pai (cf. Mc 1, 9-11). Jesus foi ao deserto para ser tentado e encaminhar sua missão, rejeitando uma missão alicerçada no poder que domina e sobre a riqueza (Mc 1, 12-13). Apresentando um dia típico de vida de Jesus durante o seu ministério, Marcos escreve: *“De madrugada, quando ainda estava escuro, Jesus se levantou e foi rezar num lugar deserto”* (Mc 1, 35).

Esta dimensão do deserto, da periferia, tem forte ressonância no VII CPO:

“O caminho dos primeiros capuchinhos rumo à periferia foi também o caminho rumo à contemplação e o silêncio aberto ao mundo... O ermo, que para os primeiros capuchinhos se situava nos limites da cidade, não é um lugar para afastar o olhar da realidade, mas para se ter **uma visão mais ampla da mesma**, contemplada a partir de Deus e dos pobres” (VII CPO, 31).

Como na vida de São Francisco houve uma recíproca relação entre a sua experiência do leproso e a do Crucificado, assim entre os primeiros capuchinhos também aconteceu uma recíproca relação entre o eremitério e as vítimas da peste, entre a contemplação e os pobres. Vemos esta realidade ainda mais claramente em Santa Clara. Escrevendo à beata Inês de Praga, ela diz: *“Com o desejo de imitá-lo, mui nobre rainha, olhe, considere, contemple o seu esposo”* (2In 20). Para Santa Clara, o desejo de imitar não é separado de olhar, considerar ou contemplar, como se fosse uma **conseqüência** da oração. Ao invés, ela vê a ação de imitar como uma dimensão essencial do processo da sua oração, que tem quatro momentos. Para Clara, a oração jamais é estéril. Uma oração que não se torna “imitação” não é oração! Conseqüentemente, o eremitério, símbolo da contemplação capuchinha, “não é lugar para fugir da realidade, mas para **ter uma visão mais ampla da realidade**”. Para que haja uma visão autenticamente contemplativa da realidade, requer-se **uma visão de fé expressa no compromisso com a ação!** Se a Ordem deve participar plenamente da evangelização do nosso mundo é necessário recuperar esta dimensão do nosso carisma.

2.1 Originariamente, “Secularização” foi o termo aplicado a um movimento surgido na Europa do séc. XIX, durante o qual as propriedades eclesiásticas foram confiscadas e “secularizadas”, na maioria das vezes pelo Estado. Durante este período, muitas das nossas Províncias europeias perderam seus conventos. No séc. XX, o termo se ampliou, indicando a exclusão da religião, especialmente da religião organizada em todos os níveis de influência política e social. Com o evidente abandono da religião, o secularismo deu origem a religiões seculares como a *New Age*. Deu também grande impulso às religiões evangélicas não organizadas e às seitas, que proclamam a auto-realização. O ponto central do secularismo é a libertação, ou seja, a autonomia da pessoa humana. Esta autonomia leva ao individualismo e a uma alienação da pessoa humana, caracterizada pelo isolamento e por relações fragmentadas. A acentuação do indivíduo difunde sementes de suspeitas não somente quanto às estruturas da religião, mas em todas as estruturas humanas, que freqüentemente são vistas como impedimento à autonomia do indivíduo. Esta busca secular da total autonomia do indivíduo conduz não à liberdade mas ao isolamento (cf. VII CPO, 4).

2.2 O secularismo coloca plena confiança nas suas tecnologias como principais instrumentos da libertação humana. As tecnologias, produtos do nossa própria invenção, contêm em si mesmas tudo o que é necessário para realizar a plena autonomia humana. Deus não é necessário. Nós somos “onipotentes”!... A religião é relegada no reino dos mitos pessoais. Isto deu origem a um segundo importante fenômeno peculiar à sociedade ocidental, mas que depois influiu sobre todo o mundo, ou seja à era pós-cristã, na qual os nossos valores humanos fundamentais, como a liberdade, o respeito à pessoa, a compaixão pelos oprimidos, a paz e a justiça, estão separados dos seus fundamentos cristãos, bíblicos e religiosos. Este mundo busca um novo humanismo sem referência a Deus. A secularização e a pós-cristandade provocam fortes reações, inclusive o fundamentalismo, no qual crenças religiosas particulares tornam-se absolutas e defendidas até mesmo com a violência.

*Um mundo
autônomo
sem
necessidade
de Deus*

*Um mundo
pós-cristão*

2.3 Agitações políticas e mudanças econômicas globais continuam a produzir milhões de refugiados políticos e econômicos. Os desempregados e os subempregados são um aspecto típico permanente da economia global. A periferia de todas as grandes cidades do mundo é habitação de dezenas de milhares e, às vezes, de milhões de pessoas, que constituem uma subclasse permanente, privadas de qualquer razoável esperança de poder fugir da própria condição econômica e social. Excluídos dos benefícios da economia global, eles ficam alienados das próprias raízes familiares e culturais. Tornam-se como estrangeiros no seu próprio país ou, em outros lugares, hóspedes indesejáveis.

da economia dá vantagens a muitos, por outro lado, ela fragmenta as relações de solidariedade e de lealdade, que comprometem operários e empregadores por toda a vida. E enfraquece também os movimentos operários. Em todas as sociedades os operários vivem a ansiedade e a insegurança do isolamento dos companheiros de trabalho e dos membros da sociedade. A “recaída” do secularismo e da economia global é uma severa mudança das relações humanas, componente fundamental do que significa ser imagem e reflexo do Deus Uno e Trino. Tudo isto provoca um aumento elevado de insegurança e de violência.



2.4 No secularismo a economia garante definitivamente a sua finalidade, ou seja, a plena autonomia humana. Mas isto revela uma intrínseca contradição. O secularismo é baseado numa economia de avidez, que aceita o desemprego e o subemprego como elemento permanente, tornando necessária, deste modo, a inferioridade de milhões de pessoas. O secularismo não pode atingir seu objetivo mais desejado! Além disso, a negação do secularismo de que Deus é importante, dá origem à violenta revolta fundamentalista entre milhões de pobres, que se apegam a Deus como única esperança, num mundo de desigualdade. No recente Encontro do SEJUPE em Porto Alegre, foi citada uma estatística, segundo a qual as 500 pessoas mais ricas do mundo ganham juntas mais do que as 416 milhões de pessoas mais pobres! O excessivo consumismo é um outro elemento da economia globalizada que não faz senão crescer a raiva e a frustração destas milhões de pessoas prejudicadas e excluídas, que vivem nas periferias. Vivendo lado a lado com uma economia da abundância, bombardeados pelas ilusões da moderna publicidade, elas não têm o direito de participar. Enquanto a globalização

2.5 Este rápido elenco de algumas das realidades negativas do mundo no qual vivemos não pretende apresentar um quadro completo. Serve simplesmente para destacar alguns desafios a serem enfrentados por uma fraternidade comprometida com a proclamação da Palavra de Deus que salva. Ao mesmo tempo, as complexidades deste mundo nos fazem compreender que o desafio da nova evangelização requer muito mais do que um simples plano de ação, de um novo plano pastoral! A nova evangelização é a proclamação de um novo humanismo cristão de relações redimidas, que brotam do Deus Uno e Trino, que se abaixa para nos abraçar com amor humilde e pleno de compaixão. A reevangelização do nosso mundo não resultará de uma grande estratégia da nossa Ordem, dos nossos bispos ou até mesmo do Papa Bento XVI. Exatamente como o Evangelho entrou inicialmente na Europa por meio do Espírito Santo (cf. At 16, 13-16), assim também o Espírito Santo já é ativo em nosso mundo secularizado, pós-cristão, mundo de exclusão e de violência e está abrindo os corações para novas relações baseadas no rejuvenescimento do Evangelho.

O novo movimento do Espírito é reconhecido através de uma atitude penitente, humilde, plena de fé, de esperança confiante. Chama-nos a atenção o testemunho de João Paulo II:

“Há mais de meio século, todos os dias, ... meus olhos concentram-se sobre a hóstia e sobre o cálice, onde o tempo e o espaço de certo modo “contraídos” e o drama do Gólgota é representado ao vivo, desvendando sua misteriosa “contemporaneidade”. Cada dia minha fé pôde reconhecer no pão e no vinho consagrados aquele viandante divino que um dia se pôs a caminho com os dois discípulos de Emaús para abrir-lhes os olhos à luz e o coração à esperança (cf. Lc 24, 13-35)” (João Paulo II, *Ecclesia de Eucharistia*, 59).

Neste contexto, percebemos a urgência da recomendação do VII CPO: “É essencial lançar um olhar contemplativo, especialmente através do exercício comunitário da oração silenciosa” (prop. 31). A tradição capuchinha do eremitério é a tradição da oração pessoal e da meditação. Não podemos construir fraternidades dotadas de visão espiritual sobre frades que são espiritualmente superficiais! Imaginemos a força espiritual que seria gerada se cada um de nós se comprometesse individualmente com a nossa tradição de oração pessoal. A nossa relação pessoal com Deus sustenta a nossa oração comum, dá profundidade às nossas relações fraternas e orientação à nossa missão. Como a oração pessoal foi objeto da carta circular n. 18, desejo agora ater-me sobre a dimensão comunitária, fraterna, deste desafio.

Um Deus humilde que se dobra para nos abraçar

3.1 “O gesto do Pai de se dirigir ao Filho é a humildade do Pai. A humildade não é uma qualidade de Deus, é a essência de Deus enquanto amor”.¹ Segundo São Boaventura, o mesmo abraço que envolve o Filho, envolve também a nós. Como Jesus é a Palavra do Pai, assim cada um de nós é uma “pequena palavra” do Pai. E mais, Deus se abaixa para abraçar com humildade toda a criação. A própria criação é uma palavra do Pai. Na visão franciscana,

¹ Delio Elia, OFS, *The Humility of God: A Franciscan Perspective*, St. Anthony Messenger Press, 2005, p. 42.

a Encarnação aconteceu não por motivo do pecado, mas devido ao amor de Deus abundante, transbordante e humilde. Na Cruz, este humilde amor consegue abraçar a nossa humanidade, até mesmo no abismo do pecado e da alienação, envolvida na trama da violência, da traição e das relações rompidas. A cruz é o sinal infalível, plantado na história, a nos orientar que nenhuma expressão da nossa humanidade é estranha ou separada do amor redentor de Deus. Olhemos Jesus para compreender o que significa contemplar a realidade do ponto de vista de Deus.

3.2 Na homilia da Festa da Anunciação, o papa Bento XVI fez notar que o Anjo Gabriel se dirigiu à Virgem não como “Maria”, o nome com o qual ela foi escolhida do meio do povo, mas com o nome com o qual ela foi escolhida pelo Pai: “*cheia de graça*” (Lc 1, 28). Do mesmo modo, Jesus saúda a mulher samaritana junto ao poço de Jacó, não como ela era conhecida em Sicar – amante de cinco homens – mas como era conhecida pelo Pai, uma pessoa que desejava a fonte de água viva. Para chegar ao autêntico desejo do seu coração por novas e redimidas relações, Jesus faz uma abertura através dos estratos do sexismo e do preconceito étnico: “*Como é que tu, sendo judeu, pedes de beber a mim, que sou uma mulher samaritana?*” (Jo 4, 9). Jesus vai além da sua superficialidade religiosa: “*Deus é espírito e aqueles que o adoram devem adorá-lo em espírito e verdade*” (Jo 4, 24). Jesus questiona a superficialidade das suas relações humanas: “*Disseste bem que não tens marido... pois tiveste cinco maridos e o que tens agora não é o teu marido*” (Jo 4, 17-18). O olhar penetrante, contemplativo, vai ao coração do seu desejo: “*Dá-me dessa água...*” (Jo 4, 15) e purifica este desejo de relação redimida com Deus e com a humanidade.

*“Dá-me
dessa
água...”
(Jo 4, 15)*

Todas as circunstâncias indicam a humildade do encontro. Jesus espera a mulher. “*Cansado da viagem, Jesus sentou-se junto ao poço*” (Jo 4, 6). Ter paciência com os outros é expressão de humildade. Ele opta por encontrá-la junto ao poço de Jacó, um lugar “fora do acampamento” – fora da cidade para a mulher, mas lugar estrangeiro para um judeu. No entanto, é um lugar onde judeus e samaritanos podem dialogar, um lugar rico de tradição religiosa para todos os dois povos. A humildade não se impõe! Jesus inicia o diálogo de uma posição de vulnerabilidade, fazendo-se dependente da

mulher: “Dá-me de beber!” (Jo 4, 7). E durante o diálogo Jesus provoca a mulher a abrir-se e a vê-lo sob uma nova luz: “Sei que o Messias vai chegar” (Jo 4, 25). Jesus responde: “Sou eu, que estou falando contigo” (Jo 4, 26).

Depois do evento da Anunciação, depois de ter recebido o abraço do humilde amor do Pai, “*Maria partiu ... apressadamente...*” para encontrar a prima Isabel (cf. Lc 1, 39). A samaritana se afasta, de modo semelhante, depois do colóquio com Jesus, para encontrar a gente de sua cidade, num modo totalmente novo, sendo uma força de fé e de comunhão. A mulher encontrou o pobre e humilde Cristo “fora do acampamento”. Jesus segue a samaritana para “dentro do acampamento” para que acolha seus vizinhos em um modo novo e mais profundo. O olhar penetrante, contemplativo de Deus atinge o centro do desejo humano de relação (além do mais, somos feitos à imagem de um Deus relacional) e suscita uma novidade jamais pensada!

religião fechou o coração dentro dos estreitos limites da vantagem própria: “Qual dos três foi o próximo?” (Lc 10, 36). Jesus suscita uma resposta inesperada por parte do doutor da lei: “Aquele que usou de misericórdia para com ele” (Lc 10, 37). A compaixão edifica a comunhão num mundo de violência e de alienação. Jesus o envia a esta nova missão: “Vai e faz a mesma coisa” (Lc 10, 37).

4.1 O exemplo de Jesus nos ensina a proclamar a Palavra e Deus que salva, num mundo secularizado, que é um mundo de superficialidade religiosa, de alienação e de violência. Quando olhamos os nossos próximos com os olhos do Pai, então atingimos a profundidade do desejo humano de relação e de amor. E isto requer a profundidade espiritual que nós encontramos em nossa tradição franciscana de fé. Todos os capítulos das nossas atuais Constituições têm uma introdução semelhante, com uma série de reflexões sobre Cristo, a Igreja, São Francisco e a nossa tradição

*Profundidade
e visão
espiritual*



*“Qual
destes...foi o
próximo?”
(Lc 10, 36)*

3.3 “Certo homem descia de Jerusalém para Jericó e caiu nas mãos de assaltantes” (Lc 10, 30). Todo ano esta é a experiência de milhões de migrantes políticos e econômicos, que deixam seus lugares primitivos na busca de uma vida nova na cidade. Mas não a encontram jamais. Acabam na periferia das nossas modernas cidades, vítimas de violência e de exploração. O bom samaritano é algo a mais do que aquele que estende a mão a um próximo desafortunado. É quem assume a responsabilidade deste infeliz: “*Fez curativos... colocou o homem em seu próprio animal... e cuidou dele*”(Lc 10, 34). Entretanto, o centro desta parábola não é o bom samaritano: é o doutor da lei!

“*Mestre, que devo fazer para receber em herança a vida eterna?*” (Lc 10, 25). Jesus desafia a visão mundana do doutor da lei, ao qual a própria

capuchinha, que levam a conclusões para a nossa vida de hoje. A Comissão pré-capitular, que apresentará um novo documento de trabalho sobre as Constituições ao próximo Capítulo Geral, chegou também a um outro nível, ou seja, o da dimensão trinitária. Partindo da Santíssima Trindade, de Jesus, da Igreja, de São Francisco e da nossa tradição capuchinha, seremos levados a contemplar a realidade da nossa vida atual. Façamos de modo que a profundidade espiritual das nossas Constituições passe para a nossa vida! O que acontecerá no mundo se todo o capítulo local e provincial, se todo o encontro pastoral que trata dos nossos compromissos, iniciar com esta profunda visão de fé? Não há necessidade de grande profundidade espiritual para dar-se conta e descrever a ausência de Deus em nosso mundo. Os nossos jornais e as notícias da TV a proclamam! Ao invés, há a necessidade

de profundidade espiritual para dar-se conta da **presença de Deus!** O nosso Deus Uno e Trino é um Deus Relacional. Onde Deus está presente, a alienação cede lugar à solidariedade, o isolamento, à fraternidade.

4.2 “A oração a Deus, como respiração de amor, começa pela moção do Espírito Santo pela qual o homem interior atende à voz de Deus que fala em seu coração” (Const. 45, 1).

A oração não nos separa do mundo! Ao contrário, nos insere no mundo no mais profundo nível da realidade. A oração nos torna conscientes do penetrante movimento do Espírito Santo em nossa vida pessoal e das nossas fraternidades e do nosso mundo. Portanto, todo capítulo, todo encontro pastoral pode tornar-se um momento de “eremitério”, um momento de fé, onde nós conscientemente procuramos “ter uma visão mais ampla da realidade, contemplada a partir de Deus e dos pobres” (prop. 31). Santa Clara pode nos orientar: “*Com o desejo de imitá-lo, mui nobre rainha, olhe, considere, contemple o seu esposo*” (2In 20). Foi exatamente este processo de oração, com os quatro momentos, que mudaram a relação de Clara e de suas coirmãs com as pessoas em torno do seu claustro. Contemplando a imagem de Cristo, pobre e humilde, nos pobres que estavam próximos do seu mosteiro, Clara e suas coirmãs insistiram sobre o “privilégio da pobreza”, que exclui as irmãs de toda a espécie de domínio sobre inquilinos e seus servos, que faziam parte essencial da economia de todo mosteiro medieval feminino. Olhar... considerar...contemplar... imitar... nos oferece um instrumento pastoral, não somente uma prática de oração ascética: “o frade menor é aquele que contempla sobretudo um Deus que se faz menor no presépio, na cruz e na Eucaristia” (prop. 31).

*A Eucaristia,
uma maneira
de ser...*

5.1 O que nós consideramos na oração mental deve ser aceito e celebrado na Eucaristia. Em todo o *Documento de trabalho* do recente Sínodo dos Bispos sobre a Eucaristia constam repetidas referências ao problema de como estabelecer um laço vital entre o *mysterium fidei* e a realidade da vida humana. Frequentemente esta preocupação é expressa, destacando a ausência da devoção eucarística, a reduzida frequência à Missa festiva e a dicotomia entre a prática da fé e a vida moral. A Eucaristia forma uma comunidade de fé. Os

Bispos da Igreja interpelam os fiéis cristãos e especialmente os seguidores de São Francisco a tornar verdadeiramente nosso aquilo que celebramos. O mesmo documento de trabalho afirma: “A Eucaristia é uma maneira de ser, que passa de Jesus para todo o cristão e que através do testemunho requer a difusão na sociedade e na cultura” (n. 78).

5.2 Somos tocados pela simplicidade com que Francisco considera o mistério eucarístico. Ele relaciona a celebração eucarística com a Encarnação: “*Eis que diariamente ele se humilha (cf. Fl 2,8), como quando veio do trono real (Sb 18,15) ao útero da Virgem; diariamente ele vem a nós em aparência humilde; diariamente ele desce do seio do Pai (cf. Jo 6,38;1,18) sobre o altar nas mãos do sacerdote*” (Adm 1, 16-18). Francisco elabora uma impressionante analogia entre a descida de Jesus ao seio da Virgem Maria e a descida sobre o altar durante a Missa.

Para Francisco o sacramento da Eucaristia é uma fonte de luz que permeia toda a realidade, de modo que *cada coisa adquire dimensão sacramental*. Cada evento tem caráter de sinal, no qual Deus se comunica e se dirige a nós. Em base do sacramento, no qual o mistério de Deus é percebido como presente no pão e no vinho, a plena realidade das coisas assim como elas são torna-se um sinal, no qual reconhecer o mistério de Cristo que se dirige a nós para ser reconhecido, acolhido e testemunhado:

“Assim como o Cristo pobre continua o seu caminho unitivo entre as criaturas sob as humildes espécies eucarísticas do pão e do vinho (cf. Adm 1, 17), também nós, através das águas do Batismo, tornamo-nos Cristo (cf. 1 Cor 12,12-13. 27), caminhando sobre a terra com a missão divina de curar, reconciliar, libertar e redimir” (VII CPO 2a).

5.3 Como fraternidade, façamos de modo que Francisco nos ajude a redescobrir o profundo laço entre o mistério eucarístico e os acontecimentos da vida de cada o dia, começando pelas relações fraternas e estendendo-nos para abraçar todo o criado.

“*Ó admirável grandeza e estupenda dignidade! Ó sublime humildade! Ó humilde sublimidade: o Senhor do universo, Deus e Filho de Deus, tanto se humilha a ponto de esconder-se, pela nossa salvação, sob a*

módica forma de pão! Vede, irmãos, a humildade de Deus e derramai diante dele os vossos corações (Sl 61,9)” (Ord 2, 27-28)

A Eucaristia é para nós o lugar que restaura as relações redimidas, o lugar onde comunicamos com o Deus Uno e Trino, “Comunidade no amor”: “*Olhai, irmãos, a humildade de Deus e abri os vossos corações diante dele*”. A Eucaristia nos interpela a formar relações fraternas na Igreja, na sociedade e com toda a criação. Trabalhar para a promoção de uma autêntica fraternidade de paz entre a gente e para a proteção do criado, nos encoraja a reconhecer na Eucaristia o único

adequado fundamento para a nossa vida e a nossa ação. Possa o Espírito de Deus e a sua santa operação ajudar-nos cada dia a nos dispor com reverente temor diante da humildade de Deus, que todo o dia vem para nos encontrar no sacramento do seu corpo e do seu sangue. Possa o poder do Paráclito tornar-nos membros vivos do seu corpo e possa a nossa vida tornar-se sempre mais eucarística, no respeito e no acolhimento a toda criatura vivente, unindo-nos a toda a criação no seu imenso coro de louvor a Deus, que é Uno e Trino, em Cristo nosso Senhor e Irmão.



Conclusão

6.1 O Primeiro Livro dos Reis narra uma seca que durou três anos, durante os quais nada de chuva e nem mesmo o orvalho molhou a terra de Israel. “*Elias subiu ao cume do Carmelo, prostrou-se por terra com o rosto entre os joelhos*” (1Re 18, 42). O profeta disse ao seu servo para subir ao ponto mais alto, olhar para o mar e comunicar o que viu. Toda vez o servo dizia: “*Não há nada*”. Na sétima vez disse: “*Eis que sobe do mar uma nuvem, pequena como a mão de um homem*” (1Re 18, 44). Elias disse ao seu servo para correr e dizer ao rei que partisse depressa antes que a chuva lho impedisse! Para o profeta a questão não era de algum modo **se** o Senhor mandasse a chuva, mas **quando** o Senhor teria mandado a chuva! Esta é a fé que deve animar uma fraternidade que tem fé. Como Elias no monte Carmelo, como os nossos primeiros frades capuchinhos

nos seus eremitérios, a moderna fraternidade capuchinha é convidada a olhar o mundo com os mesmos olhos de fé, confiante que o humilde amor de Deus chega a abraçar até mesmo um mundo de violência, um mundo que, com arrogância, crê que Deus tenha sido substituído pelas suas próprias tecnologias. Possam os olhos da nossa fé reconhecer as nuvens, pequenas *como a mão de um homem*, que surgem do mar da nossa humanidade e que são o sinal da vinda do humilde Amor ao mundo...

Fraternalmente,

fr. John Corriveau
Ministro Geral - OFMCap

30 de abril de 2006
Terceiro Domingo do Tempo Pascoal

